Lex

Partner da Abreu diz que atrasos na Justiça vão piorar

LEX 14 e 15

DUARTE DE ATHAYDE MANAGING PARTNER DA ABREU ADVOGADOS

Atrasos na Justiça são preocupantes e ainda vão piorar



Em fase final do seu terceiro mandato à frente da Abreu Advogados, Duarte de Athayde faz o balanço do que foi feito. E ajuda-nos ainda a perceber de que forma está a atual crise a afetar a economia, a justiça e o setor da advocacia.

JOÃO MALTEZ
jmaltez@negocios.pt

A crise causada pela pandemia está a deixar os empresários receosos de que a retoma não seja rápida e de que os apoios que têm sido criados não cheguem a tempo. A ideia é avançada ao Negócios por Duarte de Athayde, líder da Abreu Advogados, que nos dá a sua visão sobre a forma como poderá evoluir a economia e das dificuldades que se avizinham, nomeadamente na área da Justiça. "Temos assistido ao aumento do volume de processos acumulados nos tribunais, dificultando o caminho que se estava ainda a realizar para recuperar do impacto da última crise", afirma. Na fase final do seu terceiro mandato à frente da Abreu, o advogado faz ainda o balanço do trabalho feito e revela os resultados de 2020.

Em cenário de crise, a incerteza é um dos principais receios dos agentes económicos. Do contacto que mantêm com os clientes, que expectativas existem para o segundo semestre deste ano?

Infelizmente, e ao contrário do que acreditámos ainda em 2020, é demasiado cedo para falar do pós-covid, pelo que os líderes empresariais têm ainda vários desafios pela frente. A incerteza e a falta de celeridade nas decisões e na concretização dos apoios não ajudam. Os empresários estão cansados, receosos e sem grande esperança numa retoma rápida e isso para a economia não é bom.

Os empresários queixam-se da falta de apoios?

Os apoios são poucos, os processos continuam lentos e muito burocráticos e o foco parece continuar a ser o investimento público e não as empresas, o que não nos trouxe boas experiências no passado, logo as pessoas estão pouco animadas com o que aí pode vir.

O Programa de Recuperação e Resiliência não responde às expectativas?

Foi criada a ideia de que a chamada "bazuca" seria a panaceia para todos os problemas e a realidade dista muito deste sonho. Ainda não conhecemos o plano na sua integralidade. De qualquer modo, nenhum plano poderia corresponder a todas as expectativas de uma economia que atravessa tantas dificuldades e que espera tanto pela chegada de ajuda concreta.

As reservas colocadas pelo Tribunal Constitucional alemão à mutualização da dívida por Bruxelas podem atrasar ainda mais este processo?

O Tribunal terá de se pronunciar, uma vez que esta questão lhe foi colocada. O prazo de final de abril poderá ser apertado, mas a Comissão Europeia já partilhou que só assim conseguirá ir aos mercados em junho e seguir com a transferência das verbas para os cofres nacionais antes do verão.

O avanço do programa de vacinação poderá ajudar à recuperação da confiança e, por consequência, da economia?

A economia mundial tem mostrado sinais de recuperação face às piores previsões, mas mantenho a convicção de que a retoma está dependente da qualidade e celeridade do programa de vacinação. O vírus não está circunscrito às fronteiras dos países e precisamos de manter uma forte cooperação internacional para podermos encontrar um caminho comum e benéfico para todos.

Apesar de tudo, as projeções económicas, nomeadamente das instituições internacionais, não deixam de ser positivas.

A projeção do FMI para 2021, partilhada no World Economic Outlook Update, em janeiro deste ano, apontava um crescimento económico global de 5,5%. Ainda assim estamos a viver a pior recessão desde a II Guerra Mundial, com um impacto muito negativo em alguns dos principais setores de atividade, como o turismo, com Portugal a perder mais de 17 milhões de turistas, segundo os dados do INE. A pandemia provocou um significativo impacto na economia e algumas atividades dificilmente retomam nos próximos anos os valores pré-covid, em parte devido aos acentuados danos causados no investimento e no capital humano, como partilhou o Banco Mundial no Global Economic Prospects.

O setor da advocacia organizada em regime societário, mais focado nas empresas, é um player importante no desenrolar da atividade económica. De que forma tem este setor resistido à crise?

A advocacia em regime socie-

> **A falta de celeridade na concretização dos apoios não ajuda. Os empresários estão [...] sem grande esperança numa retoma rápida e isso para a economia não é bom.**

Tiago Sousa Dias



tário em Portugal engloba várias realidades e visões, mas creio que, no geral, temos assistido nas últimas décadas a sinais muito positivos da maturidade do setor. Com a crise em 2020, o setor jurídico mostrou-se, no geral, à altura e como um elemento decisivo de suporte à resiliência empresarial.

Que advocacia sairá da crise?

Acredito que os mais fortes e ágeis sairão reforçados e com as relações de confiança com os clientes mais fortalecidas. Mas também acho que podemos esperar ver um movimento de consolidação e até de entrada de novos players no mercado. Os chamados ABS – "alternative business providers" mais focados em tecnologia e em serviços "comodotizados".

Que consequências trará o fecho dos tribunais para a chamada justiça económica, já tradicionalmente sujeita a grandes morosidades?

Os atrasos na Justiça são preocupantes e temos assistido ao aumento do volume de processos acumulados nos tribunais, dificultando o caminho que se estava ainda a realizar para recuperar do impacto da última crise. Nos tribunais de comércio assistimos a uma quantidade impressionante de processos de insolvência acumulados e antecipo que o volume não venha a diminuir, com impacto nos processos em curso.

O problema pode agravar-se?

A morosidade será complicada de resolver e antevejo que venha a piorar com, entre outras situações, o expectável crescimento de litígios no âmbito das insolvências pelo fim das moratórias e muitas empresas a não aguentar a situação.

Como solucionar este tipo de problemas que, mesmo antes da crise, já se faziam sentir?

Muitos dos problemas estão identificados e a Justiça precisa que os tribunais apliquem as mudanças que possibilitem atenuar a morosidade. Entre outras medidas, seria fundamental reforçar os tribunais com os meios tecnológicos e de segurança para podermos começar a falar na digitalização, que é já uma realidade nos restantes setores e que justiça terá inevitavelmente de acompanhar. ■

Abreu faturou 33,6 milhões de euros em 2020

Em 2019, a Abreu Advogados registou um crescimento de 17% na fatura. Em ano de pandemia, quais foram os resultados?

A Abreu Advogados fechou o ano de 2020 com resultados positivos e novos recordes nos principais indicadores, com um valor de faturação de 33,6 milhões de euros, o que representa um crescimento de 12% face ao valor registado em 2019. Este foi também um ano com resultados positivos para outros indicadores que nos enchem de orgulho por serem parte da nossa cultura: a área da sustentabilidade.

Que resultados obtiveram nesse âmbito?

Em 2020 registámos mais de 2.600 horas em serviços "pro bono", com um crescimento muito significativo de 41% face ao ano anterior, e ainda prestámos apoio a 28 projetos e instituições sociais. Isto, além da promoção de diversas campanhas de recolha de bens pelos nossos colaboradores, parceiros e clientes, que nos permitiram chegar àqueles a quem a vida foi mais condicionada pela crise pandémica.

Por razões estatutárias, deixa este ano a liderança da Abreu, que mantinha desde 2014. Era esta a realidade que a sua equipa diretiva queria atingir?

Esta é uma corrida de fundo e estamos a construir um projeto de advocacia para os próximos 50 anos, pelo que sabemos bem que não é um trabalho terminado.

Foi mais uma etapa?

É mais uma etapa concluída com sucesso e que nos permite, seis anos depois, congratularmo-nos pelas decisões estratégicas que tomámos, e por termos conseguido identificar e atrair líderes da advocacia, mas também jovens talentos para o nosso projeto. Continuamos cientes dos desafios mas sem nunca perder o foco na afirmação de uma marca incontornável na advocacia independente portuguesa.

Como foi viver um ano de trabalho com as restrições da pandemia?

Foi um ano extremamente desafiante e exigiu muito de nós, mas demos o nosso melhor, reagindo de forma rápida. O facto de termos superado este grande desafio enche-nos de orgulho. As nossas pessoas foram extraordinárias, com um nível de compromisso e dedicação inexcedível. Tivemos o foco permanente nas necessidades dos clientes, mas também das nossas pessoas e isso claramente deu frutos. ■

Em 2020 registámos mais de 2.600 horas em serviços 'pro bono', com um crescimento muito significativo de 41% face ao ano anterior.